

Fernando Henrique só identifica alvo

Rio - O professor de economia e decano da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Luiz Roberto Cunha, se disse animado com o pronunciamento feito ontem à noite pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. O presidente, afirmou, apenas deu as linhas gerais do que será anunciado hoje, mas cumpriu o que, para Cunha, era a tarefa mais importante neste momento: declarou enfaticamente que o principal problema é a Previdência do servidor público, e que ele será atacado.

"Este é mesmo o nó górdio a ser cortado para que o País possa equilibrar definitivamente as suas contas," resumiu

Cunha. Fernando Henrique nada disse que causasse surpresa, assinalou. Afinal, as medidas que ele pincelou, como aumento de alíquota da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e recolhimento de contribuição dos servidores para a Previdência já eram dadas como certas.

Responsabilidade

Para o gerente de Consultoria Fiscal e Financeira da Arthur Andersen, Arnaldo Marques, o presidente não deixou claros quais cortes vai fazer no orçamento para equili-

brar o déficit. Em compensação, lembrou Marques, o presidente conseguiu deixar clara a responsabilidade do Congresso Nacional para equilibrar as contas públicas, ao votar as reformas tributária, previdenciária e administrativa.

Marques afirmou que, dos aumentos de impostos que o presidente anunciou, o que as empresas vão "sentir muito" vai ser o da Cofins - cobrado em cima do faturamento, mesmo quando elas têm prejuízo. Em relação ao "pequeno aumento" da CPMF, o gerente da Arthur Andersen afirmou que ele não será pequeno se for confirmada a expectativa de se dobrar a alíquota. O especialis-

ta em tributos mostrou-se pouco otimista em relação ao "caráter transitório" dos impostos, como disse o presidente. "Com a CPMF, a experiência não tem sido boa", afirmou, lembrando que o tributo deveria ter sido temporário mas continua em vigor.

Crítica

Ele também criticou o fato de o presidente ter falado apenas em cortes de R\$ 8,7 bilhões na Previdência - um quinto do rombo do setor, de R\$ 42,2 bilhões, como citou o próprio Fernando Henrique. "O resto (dos recursos para cobrir o déficit) vai ser tirado de onde?", perguntou Marques.